PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

Parfum précieux
qui éclate dans des notes capiteuses et puissantes
scintille en frais et séduisants effluves.

DRAEGER

LANCÔME
PARFUMS

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ANTÓNIO FERREIRA PINTO, LIMITADA

PORTO LISBOA COIMBRA

LEITE CONDENSADO
AÇUCARADO
NESTLÉ
MUITO RICO DE NATA

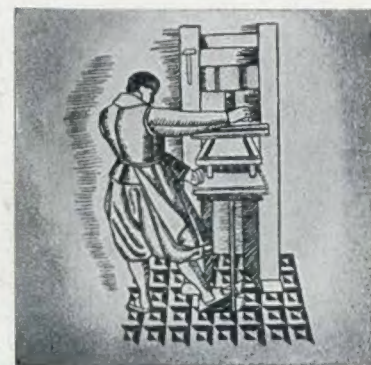
Vinho do PORTO

Aqui se aconselha...

OUVIR perfeitamente ao teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

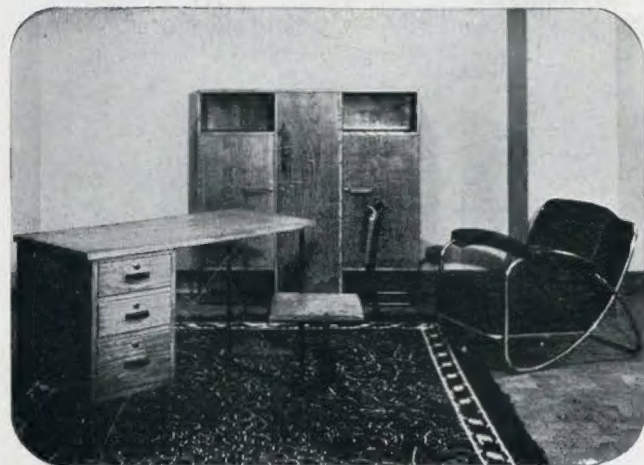
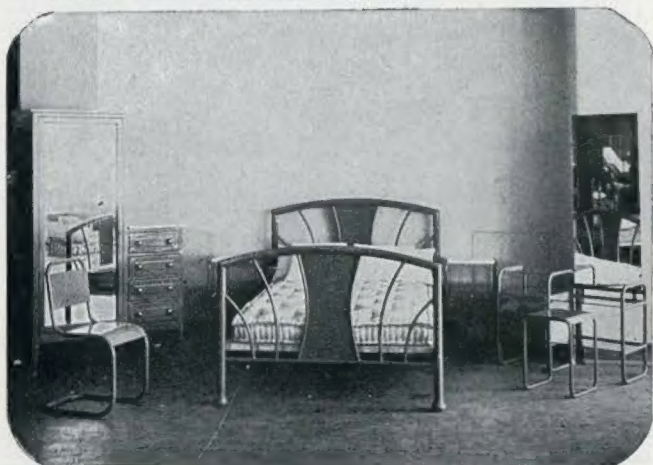
MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

que leia, veja e compre

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

FÁBRICA PORTUGAL

Móveis em tubo e chapa de aço, especiais para cada caso.

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA:

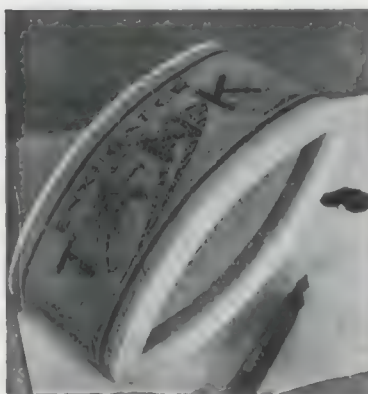
HOTEIS
HOSPITAIS
ESCRITORIOS
REPARTIÇÕES
SERVIÇOS ESTATÍSTICOS
VESTIARIOS
QUARTOS DE DORMIR
CASAS DE BANHO
SALAS
BARS
CERVEJARIAS, Etc., Etc.

ESCRITÓRIOS: Rua Febo Moniz, 2 a 20
SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA:
Rua Febo Moniz, 2-20—Telefone 47.157
Praça dos Restauradores, 49-57—Telefone 24.948
Avenida da República, 55-D.—Telefone 41.189
Rua da Graça, 82-84—Telefone 49.109
LISBOA

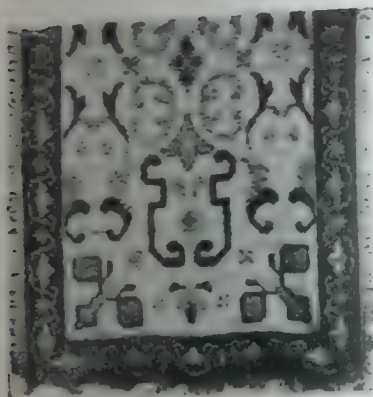
MABOR

Aqui se aconselha...

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

O ENXUGADOR « TANK », que já provou indiscutìvelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

que leia, veja e compre

Vai decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente distinto e de bom gosto? Para isso é indispensável procurar dentre a enorme variedade de TAPETES DE BEIRIZ aquele que melhor se conjuga com o título do mobiliário e da decoração. E então não esqueça: — o que lhe convém são os tapetes da FÁBRICA DE TAPETES DE BEIRIZ, DE C. R. MIRANDA, CALVES-BEIRIZ.

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

Se vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

DUOSONIC

ÁGUA QUENTE A

RAPIDEZ

...QUE SE MODERNIZAM!

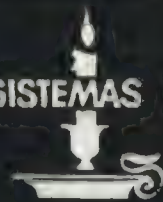
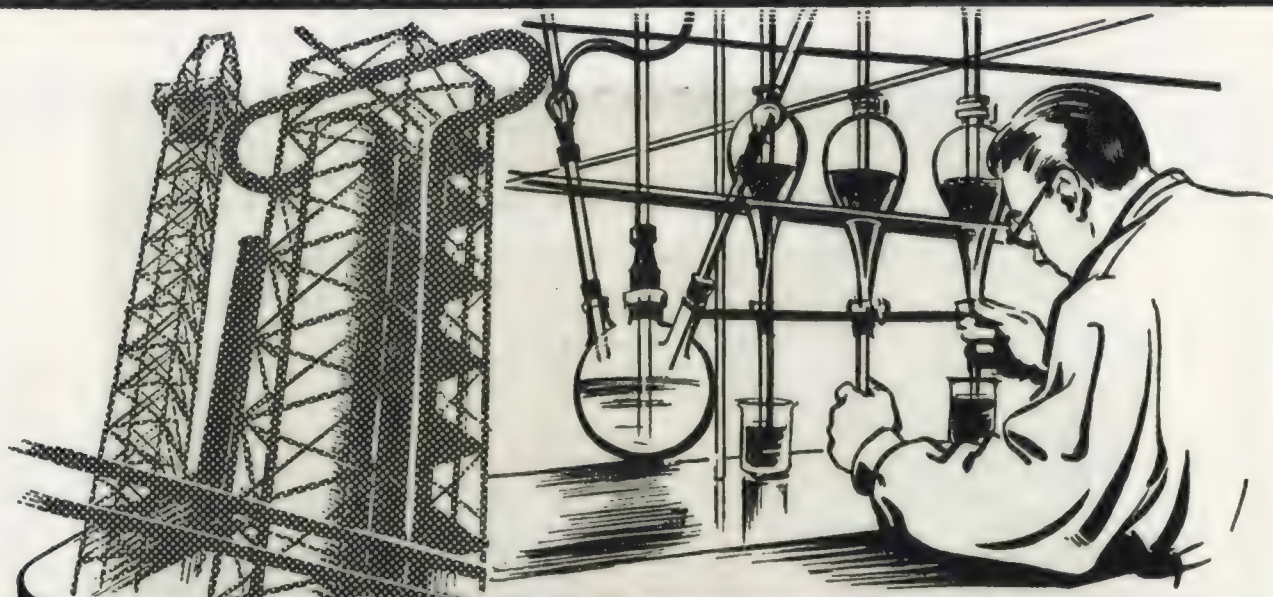
O carro, é diferente por fóra e por dentro. O óleo, tem uma nova embalagem, e êle próprio, está actualizado porque é

— ANTI-OXIDANTE
— DISPERSOR
— ANTI-CORROSIVO

CONTINUE A PREFERIR O NOVO

ATLANTIC MOTOR OIL

PEÇA, NA GARAGE, O NOSSO FOLHETO EXPLICATIVO

CAZ.

Mais caro por quilo...

Mais barato por quilómetro

Mais caro por quilo em vista da sua dispendiosa técnica de fabrico, mas, por outro lado, mais barato por quilómetro, uma vez que apresenta maior resistência à temperatura, e dura mais tempo limpo conservando o seu poder lubrificante — eis o MOBILOIL.

Mobiloil

O OLEO DA LUBRIFICAÇÃO RACIONAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 31 ★ ANO de 1947 ★ VOLUME 6.º

CAPA DE MARIA BINANZER — DESENHOS DE: BERNARDO MARQUES E PAULO FERREIRA — FOTOGRAFIAS DE: EDUARDO PORTUGAL, HORACIO NOVAES E MARIO NOVAES.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

O CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DAS

VIAGENS NA MINHA TERRA

DE ALMEIDA GARRETT

Passou, há pouco meses, o centenário da primeira edição de «Viagens na minha terra», uma obra verdadeiramente excepcional na literatura portuguesa, que alimentou, por um lado, a sede de romanesco de numerosas gerações de leitores e, por outro, influiu poderosamente no espírito e no estilo dos letrados e escritores contemporâneos.

Dificilmente se podia suspeitar, durante os primeiros decénios após o seu aparecimento, até que ponto esse livro ia abrindo, na atmosfera tristemente outoniça, friamente crepuscular das letras nacionais, um cálido e luminoso sulco de reveladoras sugestões. Pode agora dizer-se, com afoiteza, que essa obra aparentemente caótica, dispersiva e, por vezes, frívola na caprichosa tessitura dos seus temas, episódios e caracteres, (o próprio Garrett lhe chamou «um livro despropositado e inclassificável...») foi uma varanda sùbitamente rasgada para uma paisagem oculta, mas real e deslumbrante, que se desdobrava à flor de uma terra — que era a nossa.

Poucos homens de letras do século passado compreenderam e sentiram tão fundamente a razão de ser, a importância histórica e o encanto estilístico das «Viagens», como Ramalho Ortigão. Para ele, foi Almeida Garrett quem, no seu tempo, "refundiu a nossa língua para todas as conveniências da moderna vida europeia, desentorpecendo-a da imobilidade ascética de dois séculos de clausura; sacudindo-a, em todas as articulações, da presumida enfatuação académica dos árcades e dos elmanistas; retemperando-a e corrigindo-a na tradição do povo; embebendo-a na límpida corrente da sua poesia nativa; impregnando-a de todas as emanações do torrão natal; dando-lhe uma inesperada viveza de sol e de ar livre, um novo e saudável perfume de urze, de giestas e de estevas; tornando-a fluida como o azeite dos nossos olivais, vermelha e espumosa como o mosto dos nossos vinhos, saudosamente sussurrante como as azinheiras dos nossos montados, ondulosa como as searas dos nossos campos, matizada e doce como se nela vicejassem as nossas flores da serra, e por ela escorresse, louro e coruscante, o mel das nossas colmeias».

Mas a revolução consumada pelas «Viagens na minha terra» não era apenas linguística — afirma Vitorino Nemésio num estudo consagrado a essa obra: — «Era uma sublevação levada adentro das muralhas de Diu da nossa literatura em prosa. O ensaio, o jornalismo, a novela, a poesia, as viagens surgiam num só livro, enfeixados por uma prosa ondulante e calculadamente natural, enriquecidos pelas ideias gerais mais vivas e diversas, e recebendo de um espírito gentil, tão peninsular como europeu, a suprema unidade actuante do pensamento e da arte».
O estudo de Vitorino Nemésio a que nos reportamos, constitui o prefácio de uma edição magnífica de «Viagens na minha terra», lançada recentemente pela Livraria Tavares Martins, do Porto, com belas ilustrações de Paulo Ferreira — edição que se destina a comemorar o centenário da publicação da obra. Com o intuito de secundar tão louvável iniciativa, PANORAMA faz reviver nestas páginas (onde se reproduzem alguns dos referidos desenhos) o calor e a graça que Garrett sabia pôr, melhor do que ninguém, nesse difícil, nesse ingrato género literário que é o descritivo da paisagem, transcrevendo alguns passos do capítulo em que o Autor nos comunica as impressões da sua chegada a Santarém:

Eram as últimas horas do dia quando chegámos ao princípio da calçada que leva ao alto de Santarém. A pouca frequência do povo, as hortas e pomares mal cultivados, as casas de campo arruinadas — tudo indicava as vizinhanças de uma grande povoação descaída e desamparada. O mais belo, contudo, de seus ornatos e glórias suburbanas, ainda o possuiu a nobre vila, não lho destruiram de todo: são os seus olivais. Os olivais de Santarém, cuja riqueza e formosura proverbial é uma das nossas crenças populares mais gerais e mais queridas!... os olivais de Santarém lá estão ainda. Reconheceu-os o meu coração e alegrou-se de os ver; saudei neles o símbolo patriarcal da nossa antiga existência. Naqueles troncos velhos e coroados de verdura, figurou-se-me ver, como nas selvas encantadas do Tasso, as venerandas imagens de nossos passados; e no mormúrio das folhas que o vento agitava a espaços, ouvir o triste suspirar de seus lamentos pela vergonhosa degeneração dos netos...
Estragado como os outros, profanado como todos, o olival de Santarém é, ainda, um monumento.
Os povos do meio-dia, infelizmente, não professam com o mesmo respeito e austeridade aquela religião dos bosques, tão sagrada para as nações do Norte. Os olivais de Santarém são excepção: há muito pouco, entre nós, o culto das árvores.
Subimos, a bom trotar das mulinhas, a empinada ladeira; eu alvoraçado e impaciente por me achar face a face com aquela profusão de monumentos e de ruínas que a imaginação me tinha figurado e que ora temia, ora desejava comparar com a realidade... Chegámos, enfim, ao alto; a majestosa entrada da grande vila está diante de mim. Não me enganou a imaginação. Grandiosa e magnífica cena!
Fora-de-vila é um vasto largo, irregular e caprichoso como um poema romântico; ao primeiro aspecto, aquela hora tardia e de pouca luz, é de um efeito admirável e sublime. Palácios, conventos, igrejas ocupam, gravemente e tristemeute, os seus antigos lugares, enfileirados sem ordem aos lados daquela imensa praça, em que a vista dos olhos não acha simetria alguma; mas sente-se na alma! É como o ritmo e medição dos grandes versos bíblicos, que se não cadenceiam por *pés* nem por sílabas, mas caem certos no espírito e na *audição interior* com uma regularidade admirável.

E tudo deserto, tudo silencioso, mudo, morto! Cuida-se entrar na grande metrópole de um povo extinto, de uma nação que foi poderosa e celebrada, mas que desapareceu da face da terra e só deixou o monumento de suas construções gigantescas.
À esquerda o imenso convento do Sítio, ou de Jesus, logo o das Donas, depois o de São Domingos, célebre pelo jazigo do nosso Fausto português, — seja dito sem irreverência à memória de São Frei Gil que, é verdade, veio a ser grande santo, mas que primeiro foi grande bruxo. Defronte o antiquíssimo mosteiro das Claras, e, ao pé, as baixas arcadas góticas de São Francisco, de cujo último guardião, o autero Frei Dinis, tanta coisa te contei, amigo leitor, e tantas mais tenho ainda para te contar!
À direita, o grandioso edifício filipino, perfeito exemplar da maciça e pedante arquitectura reaccionária do século dezassete, o Colégio; — tipo largo e belo no seu género, e quanto o seu género pode ser, das construções jesuíticas. Ali estão, — olhai para eles! — defronte uns dos outros, os monumentos das duas religiões, o qual mais expressivo e loquaz, dizendo mais claro que os livros, que os escritos, que as tradições, o pensamento das idades que os ergueram, e que ali os deixaram gravados sem saber o que faziam. Mais em baixo, e no fundo desse declive, aquela massa negra é o resto ainda soberbo do já imenso palácio dos condes de Unhão.

DESENHOS DE PAULO FERREIRA

O MUSEU INSTRUMENTAL DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

Saltério — Século XVIII

Ao lermos a História Universal da Música, observamos que, desde os séculos mais remotos, aparecem colecções instrumentais. Mas o entusiasmo por colecções de instrumentos músicos atinge maior intensidade no século passado, notando-se que não há país algum que não queira possuir um Museu Instrumental.

Foi assim que, em 1864, pela compra dos instrumentos que haviam pertencido a Clapisson, nasceu o Museu do Conservatório Nacional de Música de Paris e, em 1873, pela cedência ao Estado das Colecções Fétis e Mahillon, se veio a fundar o importante Museu do Conservatório Real de Bruxelas, assim como, em 1888, a aquisição do núcleo instrumental De Wit fez surgir o Museu da «Koniglich Hochschule fur Musik» de Berlim.

Portugal não poderia ficar indiferente a este movimento, que representa um dos pontos mais

Orgão assinado: Thomas de Martinus Neapolitanus. — 1757

importantes da cultura; e aparecem no nosso meio colecções de instrumentos músicos antigos e modernos, como as de Alfredo Keil, Michel'Angelo Lambertini e António Lamas — coleções que tiveram uma atribulada história até à sua integração no Conservatório Nacional.

Dois recantos de uma das salas do Museu

Como é sabido, depois da morte de Keil, constando que se vendiam os exemplares que tinham sido reunidos durante longos anos por este compositor, deliberou a Sociedade Propaganda de Portugal juntar um grupo de artistas e amadores de música, com o fim de evitar que esse precioso conjunto saísse do país. Nomeou-se, para o efeito, uma comissão presidida pelo Marquês de Borba, e de que faziam parte Melo Matos, Augusto Machado, Alberto Sarti e Lambertini que, a bem dizer, era a alma vibrante dessa ideia nobilíssima, que seria a compra, por meio duma subscrição, da Colecção Keil, e fundar com ela um Museu Instrumental que ficaria pertença do Estado, cujos encargos se limitariam à cedência de um local apropriado e ao resumido pessoal para a sua conservação.

Surgem, porém, dificuldades de toda a espécie, que não permitem a realização do projecto. No entanto, Lambertini não desiste da criação de um Museu Instrumental. Mas sòmente ao cabo de alguns anos, satisfazendo essa nobre aspiração de arte, se fundou em Portugal — por decreto de 28 de Junho de 1915 — um Museu Instrumental no Conservatório Nacional, sendo escolhido para conservador, Lambertini.

Novas dificuldades surgem para a sua fundação: a falta de local apropriado no Conservatório, e a falta de protecção orçamental que seria indispensável para sustentar o Museu, e aquisição da referida colecção. Aparece, então, a figura de um Mecenas, amador apaixonado de todas as manifestações artísticas: António Augusto de Carvalho Monteiro, o qual, abraçando a ideia da futura criação de um Museu Instrumental em Lisboa, compra a preciosa Colecção Keil, a de Lambertini e, juntando-lhe as peças que possuía, perfaz um conjunto superior a 500 exempla-

Dois conjuntos de instrumentos dos séculos XVIII-XIX

RETRATO DA CANTORA LUIZA TODI, ATRIBUIDO A VIGÉE LEBRUN
(Museu Instrumental do Conservatório Nacional, de Lisboa).

Virginal de Joannes Landi. — 1670

res, que são instalados em três salas da Rua do Alecrim e confiados à cuidadosa vigilância do incansável musicólogo Lambertini.

Mas morre Carvalho Monteiro. Ao saber da triste notícia — que deitava mais uma vez por terra a criação do Museu — Lambertini tem um verdadeiro desgosto e a sua saúde, já abalada, ressente-se grandemente.

Morre Michel'Angelo Lambertini. Com o desaparecimento de Carvalho Monteiro que, infelizmente, não deixara qualquer disposição a favor do Museu Instrumental de Lisboa, todos os exemplares organológicos, que se mantinham em óptimo estado de conservação, foram abandonados em poeirentas e húmidas arrecadações. E é lamentável o estado como são encontrados, e, em parte, adquiridos pelo Conservatório no ano de 1936, aos herdeiros de Carvalho Monteiro — permitindo dar assim início ao Museu Instrumental neste estabelecimento, do qual eram, então: Inspector, o Dr. Júlio Dantas; Director da Secção Musical, Mestre Viana da Mota; e Conservador do Museu e Biblioteca, o Prof. Tomás Borba.

Continuava, porém, a não haver instalações à altura deste conjunto. E lutou-se perante mil dificuldades. Finalmente, resolveu-se que essas colecções ficassem simplesmente guardadas em duas salas, sem o carácter de se valorizar a sua apresentação ao público. Mas, apesar de o Museu não ter a sua devida forma de exposição, desperta curiosidade naqueles que o visitam, e é já de grande utilidade para o capítulo dedicado aos instrumentos no ensino da História da Música no Conservatório.

Entretanto, havia também dado entrada no Conservatório — por decreto Ministerial de 5 de

Litografia de Liszt feita em Portugal. — Piano Boisselot & Fils, trazido por Liszt para Lisboa em 1845. — Orgão portátil, Cistro e Crotha. — Anjo tocando. — Rabeca Savart, 1791-1841. — Archicithara. — Theorba

Agosto de 1937 — a Colecção de Instrumentos que pertencera a El-Rei D. Luís I, e que se guardava no Palácio da Ajuda.
Como se verifica, a acumulação de exemplares continuava, e as instalações permaneciam deficientíssimas para tão numeroso conjunto.
A forte personalidade do Dr. Ivo Cruz, desde 1938, como director do Conservatório Nacional, empreende uma louvável acção de renovar e, ao mesmo tempo, de fazer ressurgir alguns dos aspectos mais marcantes da arte musical portuguesa. E a criação definitiva do Museu Instrumental não foi esquecida, tendo o Instituto para a Alta Cultura dado um subsídio para os trabalhos indispensáveis à sua nova organização.
Não devemos, aqui, esquecer o impulso realizador do Eng. Duarte Pacheco, fazendo passar este estabelecimento de ensino por uma completa transformação. Rasgam-se janelas; alargam-se galerias; constróem-se escadarias e surgem, na sua pureza de linhas, os velhos arcos conventuais. Moderniza-se, deste modo, sem nada se modificar ao seu ambiente, o histórico Convento dos Caetanos. E, enfim, o Museu Instrumental fica esplêndidamente instalado em duas extensas Galerias e sete amplas Salas.
Nas duas galerias fez-se a história do piano, tão completa quanto possível, no momento. Encontram-se, ali, desde os *pianos-fortes* do tempo de Mozart, até aos *pianos-de-mesa* de nossos avós, além de alguns *órgãos* de valor artístico ou histórico.
Nas quatro primeiras salas, são expostas as peças mais raras dos séculos XVI ao XVIII.
Presidiu o critério de dedicar a cada época uma sala, mostrando o instrumental de cada século e suas sucessivas transformações, para dar uma ideia do material sonoro usado — atendendo à função pedagógica do Museu no Conservatório. Por isso, junto da *espineta* de *Antonius Bononiensis*, se vê a *viola da braccio* assinada por *Constantini*, de quinhentos; e, logo na sala seguinte, ao pé da *virginal* de *Hans Ruckers* de 1620, temos os *alaúdes*, as *teorbas*, e as *violas da gambe* do mesmo século; depois, figuram as elegantes *harpas* de *Cousineau* e *Naderman* do século XVIII, assim como um *saltério* da época de Luís XV, e um *clavicórdio* lacado a verde, vermelho e oiro, do mesmo estilo.

(Continua na página III)

FOTOS HORACIO NOVAES

Quadro a óleo do século XVII

GRÃO VASCO

DA SUA PERSONALIDADE ARTÍSTICA

O Grão-Vasco provoca, em toda a sua obra, uma impressão de intensa força e dignidade.
Através de vasta produção de quarenta anos, transparece o carácter pessoalíssimo de Vasco Fernandes, forte, sincero e rude. A sua pintura religiosa é realizada com profunda humanidade; e conquanto seja realista na maneira de interpretar a Natureza e de tratar os temas, revela, em grande parte das suas composições, imaginação e poder criador.
O tom predominante da sua linguagem plástica é elevado e grave, como notou Raczynski; diz o que sente e pensa com singela e austera beleza; e, quando é imponente e majestoso, exprime o que lhe vai na alma, espontâneamente e sem afectação.
Apesar da sua actividade artística se prolongar até meados do século XVI, o Grão-Vasco não assimilou nem reflectiu as novas tendências da Renascença; conservou-se francamente arcaizante, como, aliás, quase todos os pintores portugueses do seu tempo.

Na primeira época, nas composições do altar-mor da Sé de Viseu, a que Berardo chamou, com justificada razão, «quadros da adolescência», as influências que o Pintor acusa, de Flamengos e Alemães, foram decerto recebidas, indirectamente, através de artistas vindos a Portugal, ou de iluminuras, e gravuras de madeira, avulsas ou impressas em devotos incunábulos de procedência nórdica.
O desenho e a modelação das figuras aproximam o núcleo viseense dos retábulos da Igreja de S. Francisco de Évora; mas enquanto estes denotam o espírito inventivo, a unidade e o poder da técnica dum artista feito e criador, aquele, se tem num ou noutro painel trechos de inspiração genial (como no místico ambiente nocturno de *Jesus no Horto*, e dá a certos pormenores a nota justa de carácter e de tom local, é tímido, hesitante, irregular, e reproduz modelos, copia gestos e atitudes, imita processos e maneiras do mestre anónimo de S. Francisco de Évora.
Nos catorze anos seguintes, até cerca de 1520, Vasco Fernandes, mais apurado na forma, na cor e no desenho, ainda sujeito ao influxo da estética setentrional, é tocado já, indirectamente, de italianismo: a *Criação do Mundo* recorda Piero di Cosimo; a imagem do Rendentor, no *Cristo deposto da Cruz*, lembra idêntica figura de Luca Signorelli; e o *S. Sebastião*, de Salzedas, tem o gracioso requebro dum gentil-homem florentino.
Na terceira e na quarta época, o Grão-Vasco, já na plena posse de raras faculdades, cada vez mais pessoal e forte, mais plebeu, mais rude, é ainda arcaizante, e conquanto empregue motivos de arquitectura e ornamentação renascentistas *(S. Pedro)* comete audaciosos rasgos de exaltado barroquismo *(S. Miguel)*. Mais eclético nas composições, reflecte agora simultâneamente, Espanhoes e Neerlandeses, Italianos e Alemães: o realismo flamengo dum Gallego *(Anunciação)* e o idealismo plástico dum Albrecht Dürer *(S. Jerónimo e Santo André)* a forma escultural e a poesia dum Luca Signorelli *(S. Sebastião)* e o paroxismo germânico dum mestre do Reno ou da Bavária, do Hanover ou da Saxónia *(Calvário)*.
Mais experiente, já liberto de acanhados formalismos, atinge então a sua plenitude na figuração conjunta, majestosa e transcendente, do ser humano e do chefe supremo da Cristandade *(S. Pedro)*.

O seu desenho, menos grosseiro na segunda época, vai-se tornando gradualmente descuidado, com deformações, erros de escala e perspectiva; mas se perde em correcção, ganha em drama, em força e dinamismo.
E a cor, no começo luminosa, festiva e transparente, é, para o final da vida, mais sombria, saturada e densa.
A constante do seu estilo sóbrio é interrompida por arrebatamentos de intensa agitação.
Realista e penetrante no retrato, idílico na interpretação da paisagem, esmerado e minucioso nos pormenores dos tecidos, acessórios e peças de ourivesaria, Vasco Fernandes imprimiu a toda a sua obra um acentuado carácter regional.
De tudo isto, da sua condição plebeia, das próprias faculdades artísticas e morais, e da tendência mais objectiva que idealista, resultou uma obra vincadamente pessoal, que é tanto profissão de fé cristã, como glorificação da terra em que viveu e do povo, das suas crenças e tradições.

LUIS REIS SANTOS

(Do livro «Vasco Fernandes e os Pintores de Viseu do século XVI»)

SÃO PEDRO DE VASCO FERNANDES E PRESUMIVEL GASPAR VAZ (Séc. XVI)
São João de Tarouca. Igreja do Mosteiro

CASTELO DE VIDE

POR

FERREIRA DE ANDRADE

Castelo de Vide é das terras portuguesas difíceis de adjectivar-se, tais os múltiplos aspectos de sedução, de pormenores diversos, de interesse histórico e artístico que apresenta ao turista sedento das belezas da natureza, das recordações do passado e, sobretudo, das várias manifestações da Arte.

Pela abundância da água, pela fertilidade dos seus campos que o sol inunda de luz, pela vegetação exuberante que das colinas de S. Paulo e S. Mamede se estende até ao burgo, envolvendo-o na densa cortina verdejante das copas dos soutos e dos castanheiros, já alguém legendou Castelo de Vide de *Sintra do Alentejo*. Contudo, o encanto e o interesse turístico da terra não residem sòmente na sua luxuriante vegetação e no valor das suas águas, mas muito principalmente nos motivos arqueológicos em que a Vila é fértil, no traçado primitivo das suas ruas, no equilíbrio e na riqueza arquitectónica da maioria dos seus edifícios.

Uma fonte de Castelo de Vide e a Travessa da Galhofa

Castelo de Vide é, assim, um pequeno museu de curiosidades do passado, exemplar vivo das vilas portuguesas da época gloriosa de quinhentos. Foi assim que a vimos — esquecendo-nos, por vezes, do anacronismo flagrante de certas fachadas modernas erguidas lado a lado de exemplares famosos da arquitectura medieval. Contemplámo-la em toda a grandeza da sua expressão arquitectónica, no conjunto harmonioso do seu casario — mancha branca a realçar no cinzento escuro das cantarias e das pedras vetustas do Castelo — nos recantos floridos dos seus jardins, quintas e parques, e no espectáculo esmagador do seu panorama. Aqui, é uma fachada encantadora de pormenor, no barroco característico dos fins do século XVII; além, uma outra de aspecto delicado, sóbrio e elegante, se-

Um pelourinho. — Duas imagens, em pedra, da Igreja de S. Tiago

tecentista talvez, com suas janelas de aventais lavrados e guardas de ferro forjado; mais para além, como marcos que assinalam um passado já longinquo, rasgam-se nas empenas carcomidas pelo tempo algumas portas ogivais.

Mas os motivos de embevecimento sucedem-se. Quer quando se visita a igreja de S. João ou de S.ta Maria, ou mesmo o pequeno templo de Santiago onde se admiram belos exemplares de azulejos policromos, quer quando, depois de galgarmos as tortuosas congostas — e lembramos entre elas a rua de S.ta Maria — que nos conduzem da *Carreira de Cima* aos campos ainda ameiados do burgo, a vista se perde por todo o agro exuberante de cor e de riqueza.

Do alto da Torre de Menagem o panorama é, então, deslumbrante. Para além do denso olivedo e dos pomares prometedores, avistam-se as altas colinas das serras da Estrela e da Guardunha, as campinas da Estremadura espanhola. Perto, erguida sobre penhascos, vê-se a capelinha da Nossa Senhora da Penha; mais para além, a majestosa silhueta do Marvão.

Em redor do Castelo — obra de el-Rei D. Dinis para defesa da nossa fronteira — erguem-se ainda hoje, envolvidas por forte muralha, as primitivas casas do burgo. Lá está, como índice de uma época, conservada pelo tempo mas aban-

Dois aspectos do interior da Igreja de Santa Maria

donada pelo homem, a antiga Casa da Câmara.

Castelo de Vide é hoje considerada, muito justamente, um dos melhores retiros para o descanso espiritual e para as fadigas do corpo. Mas é, além de tudo, um centro de turismo de primeira plana, rico de curiosidades artísticas e históricas, onde abundam os recantos acolhedores e passeios e digressões inolvidáveis, como o caminho para a *Portagem* e para os *Olhos de Água* e a visita — diremos obrigatória — a esse lugar quase perdido nas nuvens, que é Marvão, verdadeiro *Ninho de Águias,* fortaleza atenta e vigilante de um Portugal eterno.

FOTOS DE EDUARDO PORTUGAL

CAMPANHA DO BOM GOSTO

A CASA QUINTÃO

TEMOS no nosso país, como ninguém ignora, uma tradição da indústria artística de mobiliário, tapetes e outras peças de utilidade e decoração domésticas, que nos cumpre conservar e defender da concorrência da produção estrangeira.

É justo reconhecer-se que de entre os estabelecimentos da Capital que têm sabido cumprir essa missão com elevado critério e seguro gosto, se destaca a «Casa Quintão», fundada em 1880, e que teve as suas primeiras instalações, ainda exíguas, na Rua de Serpa Pinto. A fama que desde logo adquiriu e por longo tempo manteve, resultou do perfeito acabamento dos móveis em que a firma se especializara: camas e colchoaria.

Vinte anos depois, transferia-se para a Rua Ivens, passando o comércio da «Casa Quintão» a abranger a venda de tapetes portugueses, num sentido de propaganda inteligentemente orientado e digno de louvor: A essa feliz iniciativa se ficou devendo, em grande parte, o recrudescimento do fabrico e a expansão, tanto no país como lá fora, dos mais antigos e famosos tapetes produzidos na nossa terra — os de Arraiolos. Também os tapetes de Beiriz, primorosamente realizados, tiveram na lúcida visão comercial de quem dirige a «Casa Quintão» o oportuno e necessário impulso para uma divulgação mais larga, contribuindo para que se firmasse a conquista de importantes mercados estrangeiros — como os de Espanha e do Brasil, onde as referidas e belas tapeçarias obtiveram numerosos prémios, em feiras de amostras e certames internacionais. Houve, assim, alguém que soube compreender, desde a obscura infância dessa preciosa indústria (nas-

As fotografias que ilustram esta página reproduzem dois aspectos da «Casa Quintão», recentemente remodelada, com um bom gosto que justifica o registo do acontecimento nesta secção da nossa revista, destinada a estimular e a premiar as iniciativas e obras de qualidade excepcional nos domínios da arquitectura e das artes ornamentais.

cida, há perto de trinta anos, numa aldeia até então quase ignorada), o que ela constituia, económica e artisticamente, como valor de representação nacional, vulgarizando as suas obras-primas através de exposições, de filmes e de uma constante e sensata publicidade na Imprensa e na Rádio.

O prestígio da «Casa Quintão» estava merecidamente consolidado. Isto justifica o facto de o Estado português passar a encomendar-lhe peças especiais destinadas a atapetar e ornamentar os interiores de diversos organismos, como a Assembleia Nacional, a Câmara Municipal, a Casa da Moeda, a Alfândega de Lisboa, o Teatro Nacional de S. Carlos, etc. Outro tanto fizeram e fazem os representantes oficiais de países estrangeiros, para as suas Embaixadas e Legações e, ainda, os proprietários de muitas das melhores casas de espectáculo e dos mais luxuosos hoteis e casinos.

A par disso, no lógico desenvolvimento de uma actividade que visa tornar confortáveis e aprazíveis as habitações, Quintão expunha permanentemente nas suas salas mobiliário de fino gosto, belas faianças, magníficos ferros forjados e excelentes cristais. Mas o espaço era já restricto e as instalações deficientes para conter, dignamente arrumadas, todas essas peças de recheio. Foi o que motivou as obras de amplificação e remodelação que em Outubro do ano passado vieram valorizar mais ainda o estabelecimento, incumbindo-se de orientar esses trabalhos um antigo sócio da Casa e hoje sócio-gerente da «Casa Jalco» — João Alcobia — cuja competência, como profissional das artes decorativas, já estava, de há muito, comprovada.

A frontaria, em linhas de grande sobriedade e na sumptuosidade dos mármores, ganhou uma expressão mais cativante, salientada pela amplitude do átrio e a vastidão das duas montras laterais. No interior, uma imponente e bem lançada escadaria é o motivo central arquitectónico, distribuindo perspectivas pelas grandes salas dos vários pisos, e permitindo uma fácil visão dos conjuntos e pormenores dos cuidados arranjos decorativos.

A EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA NA IGREJA DE SANTO ANTÃO DE ÉVORA

pelo *Dr. JOÃO COUTO*

Da iniciativa, nunca suficientemente louvada, do bispo-conde D. Manuel Correia de Bastos Pina, fundador do Tesouro da Sé de Coimbra, hoje instalado na Igreja de São João de Almedina, resultou a salvação de inúmeras espécies artísticas, antes mal conservadas em templos perdidos nas mais afastadas e inacessíveis povoações da diocese e que se teriam perdido irremediàvelmente no torvelinho da época agitada e dos acontecimentos desordenados que tiveram lugar depois de tomada aquela esclarecida resolução.

Relicário de Aviz. (Pormenor).

Adoração dos Pastores. Painel do retábulo da Igreja de S. Miguel de Machede. Fins do Séc. XVI.

Através das malhas da rede, demasiadamente largas, com que se pretendem defender as espécies que restam de um património noutros tempos opulento, fogem com frequência objectos de merecimento e de interesse artístico e histórico. É empresa meritória empregar todos os esforços para pôr cobro a essa debandada, servida por estrangeiros mal intencionados e por portugueses ávidos de lucros e despidos de escrúpulos.
Entre várias medidas salutares e profícuas por darem a conhecer o paradeiro dos objectos e por permitirem para eles defesa eficaz, contam-se as recentes exposições diocesanas realizadas sob o patrocínio de prelados ilustres. Tive a satisfação de visitar a de Viseu e, recentemente, a de Évora. Se delas resultar, como parece estar planeada, a criação junto das Sés de Museus de arte sacra, nos quais as obras de arte, defendidas e apresentadas em ambiente adequado, figurem expostas à admiração do público, ter-se-ão dado passos muito largos para a efectivação de um objectivo profundamente patriótico.
O certame de Évora, ordenado por S. Ex.ª Reverendíssima, o Arcebispo D. Manuel Mendes da Conceição Santos, fez parte das Comemorações do tricentenário da Padroeira. A exposição, que decorreu na segunda quinzena de Outubro, reuniu muitos objectos das igrejas e de várias instituições particulares da diocese e teve lugar no templo de Santo Antão, convenientemente adaptado para os receber.
Encarregaram-se, com dedicação e muita perícia, desse trabalho os Senhores Cónego José Filipe Mendeiros, Dr. Mário Tavares Chicó e Engenheiro Henrique da Fonseca Chaves.
Sobressaíam nas vitrinas as obras de ourivesaria e de escultura e nas paredes as de paramentaria e

Ao alto: Casulas. (Matriz de Campo Maior). Em baixo: Dalmáticas. (Matriz de Vila Viçosa e Igreja de Santa Maria de Évora-Monte).

as pinturas. A própria igreja de Santo Antão contribui para a grandiosidade do conjunto com as magníficas peças de prata do seu tesouro, quase sempre arrecadadas e por isso pouco conhecidas, entre as quais destaco a grande imagem de prata — A Virgem com o Menino —, mandada fazer conforme reza a legenda, por Diogo de Brito; a magnífica cruz processional e um cálix dos fins de quinhentos, dado de esmola por João de Estremoz à confraria de Nossa Senhora do Rosário.

Santo Antão deu ainda ao certame seus opulentos bordados do século XVI, bem como os relevos esculpidos e as pinturas que, permanentemente, a adornam e enobrecem.

Merecidamente posta em lugar de destaque, via-se a imagem de São Bruno, peça admirável de anónimo escultor de seiscentos, até aqui pouco admirada e estimada por se encontrar em posição elevada num dos altares da igreja de São Francisco.

Cruz-Relicário de Vila Viçosa. Séc. XVII

O contributo da Junta da Fundação da Casa de Bragança foi reduzido quanto ao número das obras, mas valiosíssimo se considerarmos a sua qualidade. Fez expor o celebrado tríptico quinhentista da Igreja do Convento das Chagas, com passos da paixão de Jesus Cristo e a notável cruz de ouro, prata e pedras finas, executada na segunda metade do século XVII pelo ourives Filipe de Vallegas.

Concorreu também à exposição uma das mais valiosas peças de ourivesaria que possuimos — o relicário que mandou fazer o regedor do Mestrado de Aviz e Condestável de Portugal, D. Pedro, o qual ora se guarda na igreja do Mosteiro, de Aviz.

Não é possível, por falta de espaço e pela natureza da notícia que tem necessàriamente de ser curta, dar conta das inúmeras peças construídas em metais nobres que se juntaram na igreja de Santo Antão. Catálogo elucidativo, em via de publicação, dará aos curiosos informações pormenorizadas de todas as obras ali reunidas.

Píxides, entre as quais a da Sé de Évora, de forma esférica, datada de 1544; cálices de origem portuguesa e espanhola; relicários; sacras; lanternas, algumas muito curiosas como as da Matriz de Sousel; castiçais; osculatórios; caldeirinhas; arquetas; turíbulos; cruzes, por exemplo, a cruz-relicário de Aviz que João Travassos, o Surdo, fez para o Senhor Pedro Sanches, morador em Salvaterra, na era de 1660, ou a de 1546, que ofereceu o Cónego da Sé de Évora, Dr. Rui Lopes de Carvalho, e outras obras figuravam em grande número nas vitrinas. Muitas das peças apresentadas ostentam legendas, outras datas, e são por isso marcos importantes na evolução da nobre arte dos pra-

Um Crucifixo de 1546, existente na Sé de Évora.

teiros. As custódias, do tipo composto seiscentista — cálix ou píxide e hostiário em forma de templete — e as do século XVIII, com seus hostiários radiados, apareceram em abundância e entre elas havia exemplares dignos de reparo como a de Santa Maria da Alcáçova, de Elvas, ou a de Santo André, de Estremoz.

Por demais conhecido e por isso de desnecessária menção laudatória, é o núcleo composto pelas peças do tesouro da Sé arquiepiscopal que vieram a este certame.

Em matéria de pintura, já fizemos referência ao tríptico da igreja das Chagas de Vila Viçosa. Embora fosse a obra mais importante, outros curiosos painéis figuravam em

Mitra com ornatos recortados. Sé de Évora. Século XVII

tão formosa parada de obras de arte. Ali se viam, cito ao acaso, duas tábuas da igreja de São Miguel, de Machede, com suas predelas de santos e os temas da Anunciação e da Adoração dos pastores, revelando curiosos pormenores da vida rural alentejana; os painéis da igreja de Santa Clara; uma pintura sobre tela representando a Virgem, o Menino e os Santos Francisco e António, da Igreja da Misericórdia, de Campo Maior, com o sabor moralesco que se fixou em tantas obras picturais do alto Alentejo; e também a tábua da Adoração dos Magos, pertencente ao retábulo da Sé, de Elvas, que não tendo sido, quanto a mim, executada pelo divino Morales conforme já se adiantou, foi talvez pintada por parceiros que acompanharam o Mestre durante a sua estadia documentada em terras do Alentejo.

Disse-se que sobressaíam na exposição, ao lado da ourivesaria, os tecidos magníficos. O mais importante, e porventura uma das peças capitais que em Santo Antão se reuniram, é o docel de origem oriental, seiscentista, da Sé de Évora. Dos frontais de altar citam-se o da igreja de São Salvador, de Elvas e o da Matriz de Arraiolos, do século XVI; e do século XVIII, o que pertence à Sé arquiepiscopal. Entre as vestes eclesiásticas

Tríptico da Igreja do Convento das Chagas. Escola Portuguesa. Século XVI

ocupavam lugar de primazia a casula de D. João Coutinho, a dalmática de Santa Maria, de Évora-Monte e o paramento de D. Teotónio de Bragança.
A Biblioteca Pública de Évora mandou a Santo Antão alguns dos seus belíssimos e preciosos livros iluminados. E ali estavam ainda, para ser admiradas, as esculturas, desde as mais antigas, como o grupo em pedra policromada de Santa Ana, da Virgem e do Menino que pertence à igreja de Coruche, até às imagens estofadas que figuravam no altar-mor ou aos pequenos marfins indo-portugueses.
Muito bem conservado na sua caixa de pau santo, via-se o formoso presépio da Misericórdia de Estremoz, decerto trabalho dos grandes escultores ceramistas de oitocentos, ladeado pelos dois grupos, fixados no reverso das portas, que representam episódios da fugida para o Egipto.

*
* *

A sumária descrição que aqui termina, dá pálida ideia da importância do certame eborense. Não devem regatear-se elogios ao preclaro Antístite que o mandou celebrar, nem àqueles que lhe deram realização. O público acolheu-o com entusiasmo. Resta que dele seja tirado o proveito que é de aconselhar. Muitas obras de arte religiosa — lembro, por exemplo, as imagens que dos nichos de seus altares, vêm, depois de vicissitudes várias, acolher-se às salas de estar ou às casas de jantar, arranjadas, em duvidoso estilo bricabraque — andam irremediàvelmente a dispersar-se. É preciso e urgente dar a essas preciosas antiqualhas, sobretudo àquelas que já não têm cabimento nos templos, guarida digna. Ela não pode ser outra senão a dos museus das dioceses, museogràficamente organizados, e que hão-de resultar de determinações decididas, como a que tomou, após a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental de 1882, o bispo-conde Bastos Pina.

Lisboa, Dezembro de 1946.

FOTOS DE MÁRIO NOVAES

Frontal de altar. Matriz de Cano. Concelho de Sousel.

IMAGEM DE S. BRUNO *(de perfil e de frente)* Século XVII

Igreja de S. Francisco de Évora

O CINEMA PORTUGUÊS EM 1946

Talvez se possa dizer, daqui a alguns anos, que 1946 foi, para a cinegrafia portuguesa, o ano da graça.

Os esforços, a experiência acumulada — quantas vezes difícil e dolorosamente; a relativa abundância de película virgem; os nomes que surgiram, novos na direcção mas (salvo raras excepções) já conhecidos por trabalho intenso em outros lugares técnicos; um conhecimento administrativo que orçamenta sem erros e planeia

**Duas imagens do filme «Camões»
Realização de Leitão de Barros.**

sem atropelos; uma inegável compreensão e carinhoso apoio da parte do Estado, que se vão desenvolvendo e concretizando — tudo são factores que permitiram a dezena de filmes realizados em 1946 e que garantiram a sua radiosa continuidade.

1946 foi, contudo, o ano «Camões». O facto não admira, se atentarmos em que essa obra é resultante de uma longa preparação anterior. O restricto número de películas anualmente produzidas em estúdios onde os técnicos e os artistas não permaneciam, constitui valiosa, embora lenta escola de treino. Tudo era descobrimento, um abrir desmesuradamente os olhos ao momentâneo descerrar do mundo das imagens. Buscavam-se os mestres, sem preparar, sequer, os alunos... E por isto é que foram precisos 13 anos para que, desde os primeiros filmes apresentáveis, se chegasse ao satis-

As duas gravuras ao alto reproduzem duas cenas do filme «A Mantilha de Beatriz».

fatório nível actual, de que sobressai, em «grande plano», a realização de Leitão de Barros. Em 1946 o panorama é outro. Os artistas de teatro, quando agora pisam o «plateau», são artistas de cinema, já cônscios da nova estética e das novas exigências. E temos «astros» que só conhecem o palco em noites de estreia cinematográfica. E há um António Vilar, um Virgílio Teixeira, um Barreto Poeira... Um Vilar com cerca de dez interpretações, cujo brilhantismo se acentua em «Inês de Castro» e culmina em «Camões», onde a sua criação lhe garante renome para além das fronteiras; um Virgílio Teixeira nascido, por assim dizer, no cinema, e que por doze vezes, com agrado unânime, desempenhou o papel de galã em outros tantos filmes.

Já temos operadores, tanto de imagem como de som, a quem podemos exigir mais e melhor; e pla-

Em baixo: — dois enquadramentos do filme «Camões», com António Vilar e João Vilaret.

Um magnífico exterior do filme «Um homem do Ribatejo»

nificadores, arquitectos, argumentistas, compositores musicais, orquestras e, sobretudo, produtores e realizadores.

Os estúdios já procuram exceder-se uns aos outros, em quantidade e qualidade; já se nota a insuficiência numérica dos nossos «plateaux»; caminha-se para a concorrência, que irá levar a produção nacional ao saneamento das tabelas dos laboratórios.

A questão financeira, nas suas fases de preparação e de andamento, toma hoje caminhos decisivos criando deste modo um clima de segurança industrial e de consciência artística cujas primícias já se colhem e cujos frutos estarão, em breve, sazonados. Entretanto, os poderes públicos vão diminuindo as possibilidades de insucesso, quer artístico quer económico, com auxílios monetários e medidas legislativas que, depois de estudadas, discutidas e, finalmente, publicadas, sem dúvida contribuirão para que se eleve, de futuro, o nível já decente, já aceitável da nossa produção cinematográfica.

Por tudo isto quis a revista «Panorama» registar, neste número, algumas imagem dos filmes que mais se distinguiram pelas qualidades técnicas, o valor artístico e o mérito da interpretação, durante o ano que findou — e que foi, disso estamos certos, o ano da graça do cinema português.

JORGE PELAYO

Várias imagens dos filmes: «Vizinhos do Rés-do-chão», «Ladrão, precisa-se . . .», «Cais do Sodré» e «Três dias sem Deus».

A fachada para o Tejo do novo e imponente edifício da Gare Marítima de Lisboa

A ARTE E A GARE MARÍTIMA
DO PORTO DE LISBOA

por DIOGO DE MACÊDO

Pior do que o desdém com que em Portugal se comentam alguns acontecimentos de Arte e de realizações úteis, é a indiferença com que se aceitam outros, como se esses factos e esses problemas não mereçam sequer o comentário dos cidadãos ocupados noutras tarefas. Claro que aquele primeiro desdém ou malidicência peculiar numa raça pessimista, não representa superioridade de espírito, cultura de visão ou exigência de melhoria nos factos. Essa audaciosa atitude é sòmente sinal de deficiente educação, de derrotismo individual que derivou quase em colectivo, motivado por descrenças e desconfianças provincianas a fingir de civilizadas, desgraça geral por culpa duma minoria.

Um aspecto do átrio do edifício

A indiferença tem mais condenável origem, e bem mais funesta é a sua consequência. A indiferença é letargia, é inconsciência, é ataque passivo ou desvio sentimental dos interesses, ignorância do belo em favor do material e prático. A insensibilidade parece assenhoriar-se da raça e torna comum o malefício de vulgaridade. Mingua a análise, deminui-se a crítica, arraza-se a noção do gosto.
É pena, porque todo o homem devia ter a coragem duma opinião e, pelo menos, a curiosidade pelo progresso em coisas de Arte. Assim, construíu-se ali em Alcântara uma Gare Marítima, que os lisboetas desconhecem e a propósito da qual estas queixas — queixumes duma justiça magoada — nos sairam do coração sempre pronto a admirar por amor quanto representa actividade humana, consequência de vida em beleza.
Esta beira-Tejo, que tem condições privilegiadas para ser um porto panorâmico de Arte moderna, possuía já alguns edifícios de certa e harmónica majestade, como seja, por exemplo, o imponente Frigorífico de Alcântara, com sugestivos baixos-relevos de Barata Feio, e a Gare Fluvial, mais além, próxima dos pavilhões também modernos, que subsistiram à Grande Exposição de 1940. Outros volumosos blocos arquitectónicos ali se vêem em construção, e é de esperar que um dia a Avenida Marginal, do Terreiro do Paço até à Rocha do Conde de Óbidos, e desta à Torre de Belém, surja em explendorosa via de cais monumental, pejada de estátuas, engalanada de edificações com, quanto possível, carácter marítimo, onde mosaicos, vitrais e relevos enriqueçam as largas superfícies das suas fachadas.
O primeiro exemplo está dado com aquela Gare Marítima a que nos referimos. Já tanto o tráfego como o espaço do terreiro que lhe dão vida e perspectiva, são motivos para que, pelo menos, o lisboeta a visite, a admire e a louve. Delineada por Pardal Monteiro, mestre também das obras do Frigorífico vizinho e da nova Gare em levantamento, é obra arrojada de arquitectura no seu

A fachada principal da Gare Marítima

UM DOS MAGNÍFICOS FRESCOS DE ALMADA NEGREIROS,
Gare Marítima de Lisboa

O lirismo regional de Lisboa e o ex-voto de D. Fuas Roupinho nos «frescos» de Almada Negreiros

aspecto aparentemente singelo, mas por isso mesmo de sábia e gostosa resolução, num aproveitamento de planta muito digno de observação e parabéns.

Quem alguma vez houvesse reparado na antiga instalação do Entreposto que ocupava aquele terreno, verificará hoje quanto é possível dum provisório barracão arrancar-se uma peça de gosto, que, graças à confiança da Direcção das Obras Públicas, resultou em excelente edifício moderno. Pardal Monteiro soube ser artista duas vezes: quando riscou e atendeu aos pormenores práticos e ornamentais da sua obra, e quando soube escolher para seu colaborador nas grandes decorações, a *fresco*, o artista Almada Negreiros.

Da subida em escadaria circular ao átrio do piso superior, logo pela surpreza da luz e das cores festivas da parede fronteiriça, a revelação é de agrado. Depois, reconhecidos os caprichos do plano geral do recinto, e postado o observador a meio daquele rico e amplo patim, mais de contemplação e de socego, do que de fastidienta sala de espera, a impressão recebida é de alegria, de arejamento e de bom gosto, passando o lugar a ser ante-câmara duma suposta galeria de Arte, que não é senão a vista admirável do Tejo.

Almada Negreiros integrou-se com subtil inteligência na ideação corajosa do Arquitecto. E então, por sua vez, sem prejudicar o engenho do autor da obra, resolveu as grandes decorações que ali aguardam o espanto dos patrícios, visto que até agora quase só tem sido este dado aos estrangeiros que as aplaudem.

Toda a obra de Arte é um caso pessoal; e o caso de Almada Negreiros passou, numa inversa de causas, a ser uma obra de Arte. Chamam-lhe, os amigos, *modernista*, e nós confessamos não compreender a classificação, ao examinarmos aqueles sugestivos e estranhos painéis de construção linear e cromática e histórica, perfeitamente clássica. Audacioso é, sem dúvida, o desenho em pormenor das figurações, impressionáveis pela composição de estilizadas teorias, fugosas na expressividade dos temas lendários e folclóricos — cancioneiro erudito e cantiga popular —, mas não menos valorosa é a

Outro aspecto do átrio, vendo se alguns dos admiráveis «frescos» que o ornamentam

instrumentação do colorido que intensifica esse desenho, e a sabedoria antiga — indiscutível e permanente — da larga composição desses painéis.

Desde a complexa e expressiva plasticização da *Nau Catarineta*, até às faixas lírica e heróica da *Quem não viu Lisboa* e do *Milagre de D. Fuas*, a transição do trágico-épico para o anedótico de ternura e para o impressionante ex-voto de livre interpretação, é de insofismável harmonia, atestando aquele caso pessoal em toda a obra de Arte de concepção independente, que nos leva a declarar que Almada Negreiros não é um comum ou escolar caso de modernismo, mas tão sòmente um Artista, como foram os modernistas maiores doutros tempos, agora chamados irreflectidamente de antigos, quando não depreciados patètamente de «botas de elástico», porque não estão à moda, essa execrável moda de bom tom intelectual, que se intromete com coisas sérias, como a Arte.

Almada é um imaginativo e um caprichoso imaginador, ou seja, um poeta criador de imagens. Raramente estas duas virtudes se aliam em tão delicada sensibilidade artística, ao serviço dum sentido estético e formal, que, se então quisermos, chamaremos moderno por ser consequência doutros anteriores. De resto, as estéticas nada têm a ver com aqueles casos pessoais, que são as

Pormenor do painel da «Nau Catrineta» de Almada Negreiros

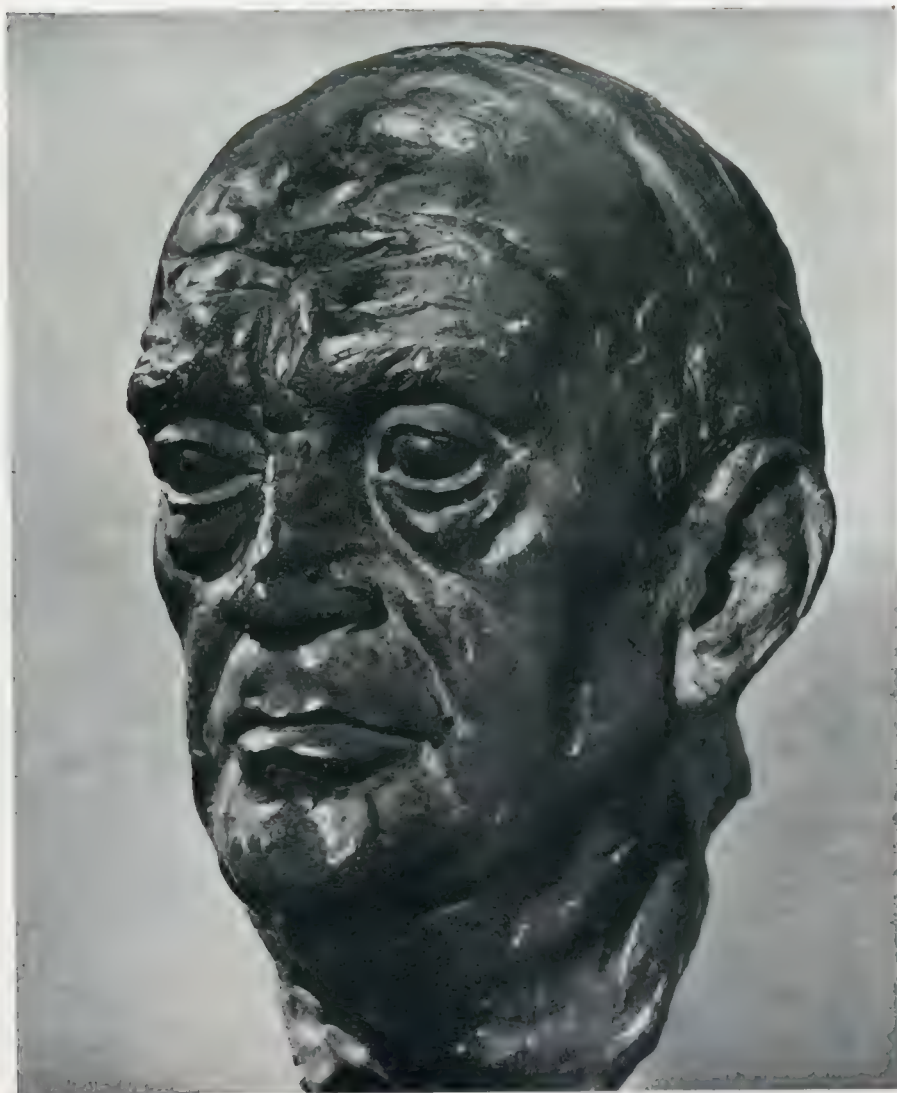
Dois ângulos do interior da Gare Marítima. A Sala de Recepção

verdadeiras obras de Arte. Dos princípios daquelas nem sempre brotam encantamentos tão agradáveis como os que estes dão a quem sente a Arte. E ora pois, a tal propósito, é caso para dizer a quem desdenha ou despreza a Arte, aos imperfeitos e aos incompletos, que lhes convém, para bem de todos, conhecer e admirar estas obras de que ao de leve falamos, porque, Senhores, «quem não viu Lisboa...» como os Artistas a vêem, tem muito a ganhar — oh se tem! — procurando-as.

FOTOS DE MARIO NOVAES

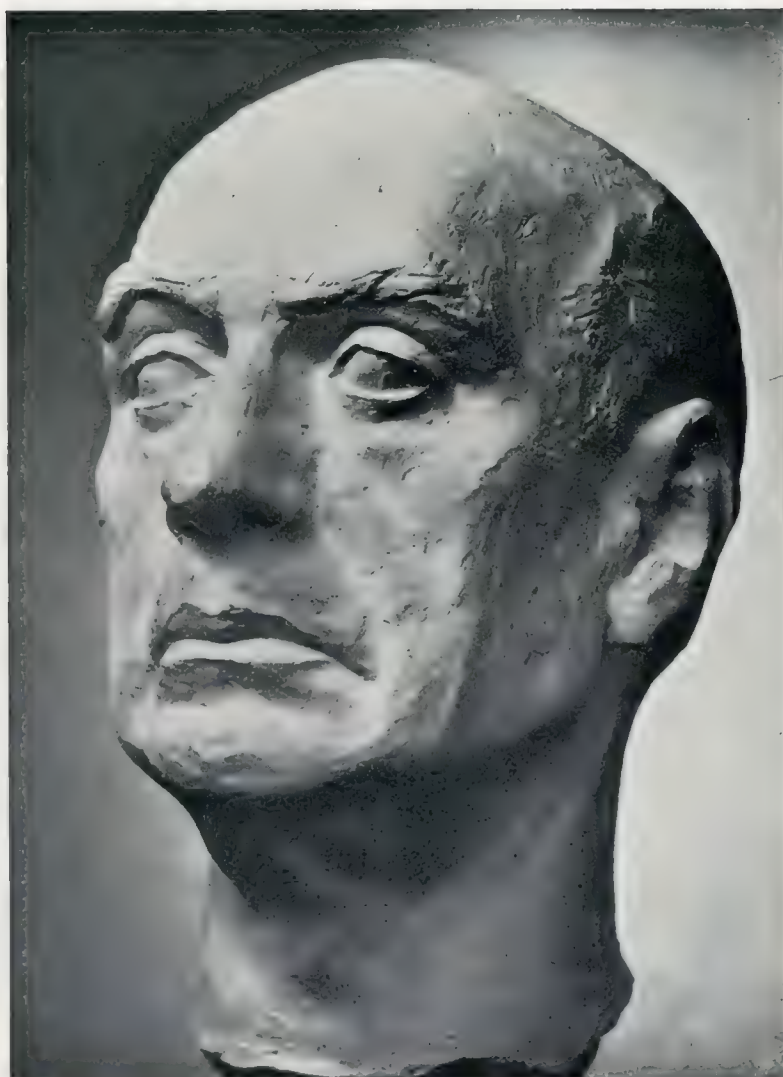
O ESCULTOR PORTUGUÊS JOÃO FRAGOSO VISTO PELO CRÍTICO ESPANHOL *ENRIQUE AZCOAGA*

PARA João Fragoso — o escultor português que no Círculo de Belas-Artes, sob o património do Museu de Arte Moderna, apresenta, com aguarelas e desenhos, catorze esculturas que resumem os seus trabalhos em Espanha como Bolseiro do seu País — , a expressão física é como um dinamismo, como uma força motriz, a partir da qual se inicia, por multiplicação, o processo escultórico. Neste artista a expressão torna-se carácter, mas nunca carácter estético e exemplar. Vemos nele como a matéria, morta e opaca, se transforma pela modelação vivaz da expressão que na mesma o escultor perpetua. E imediatamente, como a história da sua escultura, arranca desde o instante em que esta expressão se fixa profundamente no material definitivo,

Máscara — Retrato de jovem «Castellana»

Retrato do escultor José Clará

para concluir na espontânea, cálida, ideológica fisionomia das suas estátuas, cheias de cansada pujança do trabalho a grande tensão.

Fragoso começa por onde tantos escultores terminam. Este artista, que é um dos mais jovens da nação lusa — onde, é sabido, a tão grande altura se eleva a escultura — não se contenta com que a estátua fixe uma expressão física qualquer, mas sim, quando captado o segredo expressivo, pode este potenciar-se no processo escultórico natural. As esculturas de Fragoso não são nunca a história concluída de uma expressão, mas a história-paixão dum expressivismo aéreo. Na sua escultura o artista português cuida menos de responder eternamente à pergunta expressiva dum rosto conhecido ou corrente, que de desenvolver a teoria expressiva de algo que interessou ao artista.

Nas estátuas de Fragoso a expressão, desabrochada por sendas distantes da serenidade e do equilíbrio, alcança o incendiado vigor equilibrado que as caracteriza, em função duma sobriedade que acrescenta eficácia ao trabalho. Muito modernas e ao mesmo tempo com um

Retrato do pintor Daniel Vazquez Diaz

grande sentido primitivo, ibero, as suas figuras compõem uma mitologia cheia de bravura, de força, de vigoroso desenho, mesmo que necessitem, no entanto, de concluir a sua expressiva finalidade. Possuem o encanto do terminado com paixão mas sem esforço. Entram-nos na alma com mística pujança e não à custa dum desalinhamento de linguagem. Ninguém diria que a cabeça de José Clará, por exemplo, não resuma plenamente o processo daquela expressão impressionante, que levou o artista luso a iniciar o seu trabalho. Nem tão-pouco que a modelação com que a mesma reclama a nossa atenção lógica, se conseguisse roubando-nos algumas das prerrogativas que a expressão exige para resultar totalmente eficaz. Nela, como nos retratos de Daniel Vasquez Diaz e Manuel Augusto Garcia Viñolas, onde nos parece que se resume a plenitude alcançada por este artista. A cabeça intitulada «Escultura» pode servir-nos de base para observarmos onde se encontrava João Fragoso quando tivemos o gosto de o saudar pùblicamente na sua chegada a Espanha, e como contraste do seu actual trabalho. Nas três cabeças a que nos referimos, o patético, a intensidade, o característico fragor da escultura deste jovem português, sub-

sistem, purificados, no nosso entender, por uma maior simplicidade e clareza de estilo. Substituindo-se o impressionante pelo convincente. Achando, inclusive, que da expressão ao acento pleno do escultórico chega-se tão apaixonadamente, como é norma nas esculturas de João Fragoso, mas com maior velocidade.

É que a maneira de João Fragoso tem um perigo: a violenta aspereza inecessária. Sem se lhe pedir acabamento polido, aparencialismo, sempre se lhe deve exigir que o processo evolutivo da sua verdade expressiva se conduza na mesma intensidade, e sem superabundâncias formalistas. Por isto as três cabeças citadas parecem-nos o melhor do seu último momento. Já que a morosidade apaixonada, aliada permanente na plástica de João Fragoso, não se contenta consigo própria duma maneira imprudente senão até onde é necessário, para que o gesto físico se converta em norma, e a verdade viva em lei abstracta e fundamental.

João Fragoso, em nosso parecer, saiu de uma exuberância expressiva que o haveria de prejudicar. Deve evitar-se sempre que a mesma se avolume e, por isso, agrada-nos assinalar como se evitou o perigo nas três cabeças em questão. A expressão viva, a matéria inicial de Fragoso deve chegar, na sua escultura, à rotunda eficácia de carácter universal que a qualifica, sem um excesso, a que a sua maneira é muito propícia, e tratando a todo o momento que a forma, sem perder riqueza, fale de maneira clara e límpida, com a segurança plena do que tem razão de ser.

Desenhos – Estudos para dois retratos

JOÃO FRAGOSO — Retrato de Manuel Augusto Garcia Viñolas
Exposto em Madrid

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

O agrupamento coregráfico VERDE-GAIO, a que António Ferro deu vida e Francis as primeiras formas, tem continuado — agora sob a competente direcção de Guilherme Morresi, um dos primeiros bailarinos da Ópera de Roma — o seu laborioso aperfeiçoamento, afim de se remodelar e ampliar o reportório com o qual, em memoráveis espectáculos realizados em Portugal e em Espanha, demonstrou plenamente a possibilidade e a alta conveniência de se manter e progredir, entre nós, essa admirável modalidade de expressão artística.

No amplo e bem apetrechado estúdio onde o VERDE-GAIO se instalou — numa dependência do Teatro Nacional de S. Carlos — efectuou-se, no passado mês de Janeiro, uma sessão destinada a mostrar a um número restricto de convidados (especialmente a críticos de música, de teatro e de artes plásticas) o estado actual de preparação dos elementos constitutivos do grupo, depois de cinco meses de trabalhos executados segundo um programa e um regulamento de rígida disciplina.

António Ferro, Director do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, improvisou um discurso, no qual, depois de várias considerações justificativas da apresentação da nova fase artística de VERDE-GAIO, expoz como nascera nele a ideia da criação de um grupo de bailados portugueses e como foi possível, atravez de inúmeras dificuldades, transformá-la numa realidade.

Referindo-se ao problema que constitui a necessidade de encontrar o equilíbrio entre arte moderna e arte nacional, declarou que, em sua opinião, o conflito se resolve, procurando valorizar a arte do povo, artista sempre original e moderno: — «Nas fontes de inspiração popular podem os artistas descobrir, como numa espécie de caixa de tintas, os recursos que permitem realizar uma arte simultaneamente nacional e moderna». VERDE-GAIO surgia, naturalmente, como o aproveitamento, como apoteose desse trabalho num plano ideal.

Mais longe, depois de fazer, a traços largos, a história do bailado, afirmou: — «O bailado português, porque constitui um espectáculo representativo da nossa alma, é que triunfou em Espanha e tem o seu êxito assegurado em Londres ou em Paris — êxito em que jogo francamente, sem o mínimo receio.»

A actividade do grupo não parara. A seguir à fase inicial, em que tanto se deveu a um grande artista português, Francisco Graça (Francis), actualmente no Brasil, entrara-se num período de acentuação técnica, sem que se perdessem, no entanto, as suas características.

A quem estranhasse o facto de ser um bailarino italiano quem orienta, presentemente, o grupo português, António Ferro recordou que os Bailados Russos, de tanta influência na arte coregráfica de todos os povos, foram criados, por assim dizer, por um francês, um italiano e um dinamarquês.

«Assim — disse — o VERDE-GAIO continua. Trabalha-se com paixão, de manhã e à tarde, e em breve o público poderá apreciar, além da reposição dos antigos bailados, novas criações.»

As últimas palavras do orador — depois de exortar os componentes de VERDE-GAIO «a dançar português sem querer...» — foram para pedir à crítica e ao público, não elogios de favor para esta realização do Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular, mas, simplesmente — compreensão.

CONCURSO ANUAL DAS ESTAÇÕES FLORIDAS
ORGANIZADO PELO
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

ESTAÇÕES CLASSIFICADAS

Primeiro ano — 1941 *(160 inscritas, sem eliminatória prévia)*

1.º PRÉMIO: Castêlo da Maia . . . . Companhia de Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (linha de Fafe)
2.º » Luso-Bussaco . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta
3.º » Alcântara-Mar . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Estoril)

Segundo ano — 1942 *(38 inscritas, com eliminatória prévia)*

1.º PRÉMIO: Castêlo da Maia . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (linha de Fafe)
2.º » Portimão . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Sul e Sueste — ramal de Portimão)
Diploma de Honra:
Luso-Bussaco . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

Terceiro ano — 1943 *(30 inscritas, com eliminatória prévia)*

1.º PRÉMIO: Rio Tinto . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Minho e Douro — ramal do Minho)
2.º » Fornos de Algôdres . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta
3.º » Olhão . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Sul e Sueste — ramal de Olhão)

Quarto ano — 1944 *(65 inscritas, com eliminatória prévia)*

1.º PRÉMIO: Darque . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Minho e Douro — ramal do Minho)
2.º » Olhão . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Sul e Sueste — ramal de Olhão)
3.º » Pero Negro . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha de Oeste)
Diploma de Honra:
Fornos de Algôdres . . . . Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta
Leça do Balio . . . . }
S. Mamede de Infesta . . . . } Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha de cintura do Porto — rede do Minho e Douro)

Elogios ás de:
Afife — Nine — Pedras Rubras — Vila Meã

Quinto ano — 1945 *(60 inscritas, com eliminatória prévia)*

Prémio	Estação	Linha
1.º PRÉMIO:	Leça do Balio	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha de cintura do Porto – rede do Minho e Douro)
2.º »	Caminha	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Minho e Douro – ramal do Minho)
3.º »	Afife	

Diploma de Honra:

Estação	Linha
Montemor-o-Novo	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Sul e Sueste – ramal de Torre da Gadanha a Montemor)
Luso-Bussaco	Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta
Gouveia	
Fornos de Algôdres	
Pedras Rubras	Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (linha da Póvoa de Varzim)
Rio Tinto	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Minho e Douro – ramal do Minho)

Sexto ano — 1946 *(61 inscritas, com eliminatória prévia)*

Prémio	Estação	Linha
1.º PRÉMIO:	Runa	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha de Oeste)
2.º »	Pinhal Novo	(linha do Sul e Sueste)
3.º »	Leixões	(linha de cintura do Porto – rede do Minho e Douro)

Diploma de Honra — Menção especial:

Estação	Linha
Pedras Rubras	Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (linha da Póvoa de Varzim)
Afife	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Minho e Douro – ramal do Minho)
Caminha	
Rio Tinto	
Leça do Balio	(linha de cintura do Porto – rede do Minho e Douro)
Celorico da Beira	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta
Costeira	
Fornos de Algôdres	

Diploma de Honra:

Estação	Linha
Castelo da Maia	Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal (linha de Fafe)
Arazede	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta
Gouveia	
Luso-Bussaco	
Cete	Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (linha do Minho e Douro)
Darque	
Nine	
Vila Meã	
Olhão	(linha do Sul e Sueste – ramal de Olhão)
Portimão	(linha do Sul e Sueste – ramal de Portimão)
Pero Negro	(linha de Oeste)
Torres Vedras	

ELOGIO DE TRÁS-OS-MONTES

PELO

DR. RODRIGUES CAVALHEIRO

Talvez porque a defende uma cadeia alterosa de serras, um quase ininterrupto cordão de montanhas majestáticas, a verdade é que, de todas as regiões em que se compartimenta o nosso País, a de Trás-os-Montes e Alto Douro é certamente a menos conhecida e visitada. O acesso é difícil; a situação extrema, com marcadas amplitudes térmicas, torna as jornadas de menos pronta realização. E, no entanto, quanto perde o viandante ou o turista em não visitar mais amiudadas vezes esse formoso e riquíssimo recanto! A paisagem, as culturas, a população, o ambiente histórico e tradicional, a riqueza artística — tudo confere a Trás-os-Montes características especialíssimas, no conjunto português, e um lugar de destaque inconfundível na economia, na etnografia, na beleza regional portuguesa.

Paisagem, não a há mais grandiosa, com pormenores, ao mesmo tempo, de delicadeza encantadora. A *Terra Fria* ou a *Terra Quente*, como o povo distingue as duas regiões

naturais em que se pode dividir Trás-os-Montes, apresentam contrastes soberbos de pitoresco, de majestade e de beleza. Planaltos de cerca de mil metros de altitude, com desvios de temperatura muito apreciáveis, e em que predomina, como cultura, o centeio — é a *Terra Fria,* onde o clima é rude, quer no inverno, quer no verão, e a esteva cobre o solo, que tufos de carvalhos, castanheiros ou freixos engalanam. Na *Terra Quente* o cenário muda — e com êle o clima, que é moderado no inverno, com poucas chuvas, mas tórrido no verão. São os vales que afluem ao Douro, com um revestimento vegetal de feição mediterranea: sobreiros, olivais, figueiras, amendoeiras, laranjeiras. E, acima de tudo, as vinhas, a prodigiosa obra da natureza e do homem que são os socalcos sobre o rio, donde se extrai o maravilhoso nectar que todo o mundo conhece.

Etnogràficamente, no capítulo das usanças e das tradições, não há província que mantenha a pureza dos seus costumes como esta, o que se explica talvez pela insularidade geográfica que a serrania lhe criou. Gente hospitaleira, amiga de receber e de obsequiar com franqueza, outra não há, talvez, em Portugal. Independente, é certo, ciosa do que é seu e lhe pertence: — *Para cá do Marão, mandam os que cá estão!* Mas portuguesa de lei, mergulhando as raizes do seu patriotismo nas recordações mais afastadas da nossa História. Nos grandes lances da Nação, sempre Trás-os-Montes escreveu uma página de glória. A sombra heróica dos Sepulvedas, entre tantos heróis antigos, vela ainda pela pureza de intenções cívicas dos destemidos transmontanos. Como relicário de coisas de arte, Trás-os-Montes tem muito que ver e admirar. Da *Domus Municipalis* de Bragança à Sé de Miranda, de tantas igrejas, castelos e palácios aos simples pelourinhos, como o de Outeiro — quantas maravilhas, sugestivas de beleza, quantos monumentos, evocadores do passado! A indumentária tradicional da população mantem-se ainda em muitos pontos. A de Miranda constitui uma curiosidade que, com as suas típicas danças de *pauliteiros*, extravazou já para o cenário internacional.

Todos se recordam daquela página de Ramalho em que o grande escritor louva a confiança com que o transmontano recebe os hóspedes. Assim, quando, geralmente, ao bater-se à porta, em qualquer província, se é assediado de perguntas, em Trás-os-Montes ouve-se apenas: — *Entre quem é.* Eis um traço que define o carácter da gente, e que Ramalho fez bem em vincar na sua prosa admirável. A literatura, aliás, tem aproveitado a terra e a população da província para fixar tipos e aspectos que entraram na grande arte portuguesa, das novelas de Camilo às poesias de Junqueiro. É que, na verdade, bem o merecem Trás-os-Montes e os transmontanos. O homem é ali digno da paisagem, do ambiente histórico, da riqueza do solo e do sub-solo (minas metalíferas e nascentes hidrológicas são às dezenas), da austeridade e grandeza daquelas serras benditas, parentes muito chegadas das que Jacinto louvou com a ternura de quem descobria a sua Pátria esquecida...

Desenho de B. Marques

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

O porto de Lisboa

O «Lloyd Anversois» publicou recentemente um extenso artigo do jornalista belga Louis Michiels, registando as impressões por ele colhidas durante a sua recente viagem de estudo ao nosso país. Nesse trabalho Louis Michiels refere-se, longa e calorosamente, à situação do Porto de Lisboa e ao grandioso plano de melhoramentos em execução, afirmando: «A melhoria das condições materiais do maior porto português e o aumento considerável do seu valor económico, contribuirão grandemente para o enriquecimento da economia nacional». E, mais adiante:

«É justo prestar homenagem ao prodigioso esforço realizado, porque estes imensos trabalhos, executados com o único concurso de técnicos portugueses, serão exclusivamente financiados por capitais portugueses.»

A obra do Porto de Lisboa — de fundamental importância para o incremento do Turismo nacional — fica, assim, como um símbolo claro e transparente da fecunda actividade desenvolvida, nos últimos anos, nos mais importantes sectores da vida portuguesa — aberta, como o largo estuário do Tejo, a todos os visitantes e a todos os observadores.

Parques e jardins de Lisboa

Um dos números mais interessantes das festas centenárias de Lisboa será o aspecto, que se antevê esplendoroso, dos jardins da capital. Para o efeito está aberto concurso entre encarregados de jardineiros camarários e do Estado para a apresentação dos melhores parques, jardins e recintos ajardinados da área da cidade de Lisboa, no decurso do período compreendido entre 15 de Maio e 26 de Outubro de 1947.

Além da decoração e composição floral, consideradas como elementos principais do aspecto de um jardim, o juri tomará em linha de conta na sua apreciação o estado geral das ruas, valetas, bancos, arrelvados, arvoredo, etc., a forma como o trabalho de conservação foi levado a efeito, tendo em linha de conta as dificuldades inerentes à conservação de cada um dos parques e jardins.

O juri desse concurso será designado pela Comissão Executiva das Comemorações do VIII Centenário da Tomada de Lisboa.

Os parques, jardins e recintos ajardinados serão, para efeito do concurso, divididos nas seguintes categorias: *a)* Parques fechados, não públicos ou semi-públicos; *b)* Parques e jardins de 1.ª categoria; *c)* Jardins de 2.ª categoria; *d)* Jardins de 3.ª categoria; *e)* Jardins de 4.ª categoria; *f)* Ajardinados de 1.ª categoria; *g)* Ajardinados de 2.ª categoria.

Ainda os ruidos da cidade

Numa recente reunião pública da vereação da C. M. L. foi novamente discutido o problema dos ruidos, cujos inconvenientes foram focados por vários vereadores, entre os quais o Sr. Francisco Marques, que declarou, a certa altura, que «Lisboa parece uma cidade de alucinados, pois basta um momento de observação num local de maior movimento para se verificar como há pessoas que parece quererem lançar-se sob automóveis em marcha para serem esmagadas; ruidos estridentes de buzinas para as afugentar; pragas e impropérios de peões e motoristas; irritantes apitos de agentes da Polícia para mandar deter os veículos; uma multidão que atravessa as ruas em passos que parecem de contradança, entrechocando-se, e isso acompanhado de repetidos toques das campainhas dos *eléctricos.*»

— Tudo isto se mantém ainda — disse — porque o Código da Estrada, em vigor, tem dezassete anos de existência e colide com as medidas que é necessário adoptar.

Também — afirmou mais adiante — não se tem cuidado da educação das crianças sobre regras de trânsito, nem se fez ainda uma propaganda activa para educação de peões e dos motoristas. Assim, os ruidos da cidade são hoje quase exclusivamente devidos à desorganização do trânsito e urge exterminá-los.

Sabe-se que a Câmara tem já, devido às diligências do seu Presidente, urdido o plano da propaganda que virá facilitar a execução das recentes posturas sobre trânsito de peões e trânsito de veículos, mas só depois da publicação do novo Código da Estrada será possível regulamentar devidamente o trânsito e evitar os ruidos desnecessários na cidade.

Esclarecendo a Vereação, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto informou que, dentro em breve, submeterá à sua apreciação um estudo sobre o problema, estando disposto a fazer, junto das entidades competentes, outra tentativa para a sua solução.

Jardim Zoológico

O Jardim Zoológico é, incontestàvelmente, um dos mais importantes valores turísticos da Capital, sendo de inteira justiça reconhecer e salientar o esforço de quem superiormente o dirige, no sentido de servir cada vez mais e melhor os seus visitantes — tanto as crianças como os adultos.

Já temos, por várias vezes, registado nesta revista melhoramentos realizados no referido Parque. Hoje noticiamos que o Pavilhão dos Selos, no chamado Jardim dos Pequeninos, está muito adiantado. Por estes dias vai começar a construir-se o «Pátio rústico» (com vacaria, pombal, galinheiros, currais, etc.), bem como a nova instalação de antílopes na colina sobranceira ao Viveiro.

O arquitecto Raúl Lino já tem prontos os desenhos do futuro «Clube dos Gatos», e do «Pavilhão dos meninos perdidos», duas graciosas realizações que devem ficar concluídas em Março ou Abril — e que sem dúvida resultarão tão atraentes como o popular «Hotel dos cães».

«Panorama» regista

★ A inauguração, em Lisboa, da livraria «Ática», pelo bom gosto do arranjo arquitectónico e a modelar sobriedade das decorações.

★ O interesse que têm despertado no estrangeiro as Festas Comemorativas do VIII centenário da tomada de Lisboa aos mouros, de que é evidente prova o elevado número de pedidos de informações pormenorizadas sobre o respectivo programa, diàriamente chegados à Repartição de Turismo do S. N. I.

★ O início das actividades da empresa «Organizações de Turismo, Lda.», no Aeroporto da Portela de Sacavém — que se propõe organizar visitas de estrangeiros e excursões no nosso País, e serviços de guias e intérpretes.

★ O êxito extraordinário que alcançou o magnífico agrupamento dos *Bailados dos Campos Eliseos,* durante as exibições no Teatro Nacional de S. Carlos.

★ O agrado que obteve a «Exposição de Arte Moderna», realizada, pela 11.ª vez, no Estúdio do S. N. I.

★ O aparecimento do 1.º número do «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», profusamente ilustrado e com valiosos artigos assinados foi João Couto, Luís Reis Santos, M. M. Jirmounsky, Maria José de Mendonça, etc.

BAR

O PROGRESSO TURÍSTICO DAS CALDAS DA RAINHA

ESTÁ a estudar-se, nas Caldas da Rainha, um novo plano de desenvolvimento do turismo local, segundo sugestões apresentadas pelo nosso colaborador Luís Teixeira, numa conferência que há poucos meses realizou, no Casino do Parque da mesma cidade, com o fim de lançar os fundamentos para a criação de uma Biblioteca Pública.

O conferente começou por acentuar quanto as Caldas da Rainha — sua terra natal — deve aos forasteiros. Aludiu à Rainha D. Leonor, que fundou a localidade, e ao rei D. João V, que criou as condições para o próspero futuro das Caldas, lembrando, depois, que elas devem à corrente forte dos seus inúmeros frequentadores, ao longo dos anos, a sua nomeada, a mais larga expansão do seu prestígio e a consolidação da sua categoria de centro de turismo famoso e preferido:

«Nesta espantosa zona de atracções de primeira importância para a revelação da categoria turística do País, o Mar e a História, a graça ingénua dos costumes rústicos e a opulência arquitectónica dos nossos mais belos monumentos religiosos, a sedução empolgante das paisagens e o valor das águas medicinais de maior renome, beleza artística em grandes doses, jardins, bosques, planícies verdejantes, vales majestosos, gente indígena risonha e afável soletrando por toda a parte, nos requintes de agasalho, a melhor articulação sentimental da palavra Hospitalidade, fazem o mais sensacional conjunto de variadas e extraordinàriamente belas qualidades turísticas que é possível encontrar reunidas, em poucos quilómetros, por moravilhosos caprichos da Providência, na terra de Portugal.»

«As Caldas, a que Ramalho Ortigão chamava, há sessenta anos, «o centro da mais artística, da mais histórica, da mais pitoresca região de todo o País» e «o centro de vilegiatura que em Portugal mais se parece com as terras de águas francesas e alemãs,» figuram, nessa zona, como a melhor posição de permanência recomendável, com seus hoteis, seu clima incomparável, sua vida nocturna de convívio mundano, seu notável apetrechamento de toda a espécie, que lhe asseguram, sem hesitação, a condição única de privilegiado local de irradiação para um excursionismo surpreendente.»

Luís Teixeira defendeu o critério de que é necessário mudar profundamente o sentido do turismo caldense, dando-lhe nova orientação e outras e mais largas perspectivas. Apontou a vantagem de tomar como realidade inspiradora dessa mudança, em vez de «só a localidade», «a localidade e a região» — dizendo que está por aproveitar, na totalidade dos seus encantos e recursos, uma grande zona de turismo a dois passos de Lisboa. Dentro desta ordem de ideias, Luís Teixeira definiu os limites do que seria a referida zona turística — desde Peniche, com o deslumbramento das Berlengas e o pitoresco da vida marítima, alargando-se as dimensões por Óbidos, com o seu atraente carácter medieval, pela Foz do Arelho, pelas Caldas, por S. Martinho do Porto, por Alcobaça, pela Nazaré, e podendo ir — com escala pela Batalha — até Tomar, onde fecha luminosamente a estrada maravilhosa da «suite» dos grandes mosteiros.

IMPORTADA DA SUÍÇA